

O TEATRO DO OPRIMIDO E SEU DUPLO VIÉS: PROTAGONISMO SOCIAL E EDUCAÇÃO PARA SOLIDARIEDADE

RÉGIS CAETANO RIVEIRO¹; FABIANE TEJADA DA SILVEIRA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – r3g15riveiro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ftejadadasilveira@ig.com.br

1. INTRODUÇÃO

O T.O. (Teatro do Oprimido), é um conjunto de técnicas teatrais que funcionam baseadas na democratização dos meios de produção e veiculação da arte teatral. Técnicas estas, sistematizadas por Augusto Boal, e descritas nos vários livros que publicou. Este artigo é uma reflexão sobre as aplicações práticas do T.O. e suas diversas técnicas, e seu efeito artístico-pedagógico sobre seus participantes. Sua fundamentação está embasada em minha experiência adquirida no projeto de extensão TOCO (Teatro do Oprimido na Comunidade), ao qual ingressei em 2014, e permaneço ainda hoje engajado, junto a colegas que, dentro ou fora do âmbito acadêmico, buscam caminhos para uma educação popular e solidária. Entendemos que uma educação voltada para solidariedade deve fazer com que percebamos que somos sujeitos do mundo, capazes de resignificação dele, com plenos direitos de participação, objetivando uma sociedade justa para todas as pessoas.

O projeto TOCO teve início em 2010, a partir da iniciativa de alguns alunos do curso de Teatro-Licenciatura da UFPel, interessados na experimentação das técnicas de T.O., fora da universidade, levando a cabo o caráter libertário e democratizante destas técnicas: descobrir-se o povo, portador de uma voz e uma palavra que, estando nele, através dele, e para ele, transforma e melhora o mundo. O projeto atuou em algumas comunidades como Dunas, Navegantes, Colônia Z3, no curso preparatório para ingresso na Universidade, Desafio, além de realizar oficinas, e apresentar cenas, em eventos onde recebe convite. A equipe, que desenvolve as atividades junto à comunidade, bem como pesquisas teórico-práticas, sob coordenação da professora Doutora Fabiane Tejada, conta com cerca de dez alunos do curso Teatro-Licenciatura, além de alguns alunos de outros cursos, e egressos da UFPel.

Boal enxergava o teatro como uma importante ferramenta de comunicação, e assim como todo recurso comunicativo, pode servir tanto para libertar, como para dominar. Para ele, as artes e ciências servem para corrigir a natureza (que tende à perfeição) naquilo em que falha, e podem ser “maiores ou menores”, mas todas estão ligadas: “[...] ao mesmo tempo, se inter-relacionam sob o domínio da Arte Soberana, que trata de todos os homens, de tudo que os homens fazem e de tudo que para eles se faz: a Política” (BOAL, 1975). Portanto, o legado deste grande teórico teatral, é uma forma de arte teatral consciente e política, praticada pelo povo e para o povo, e com o intuito de ensaiar teatralmente, soluções para os problemas reais que permeiam nossa sociedade.

Ao longo dos anos em que atuou como diretor e teórico teatral, tanto no Brasil, onde esteve à frente do Teatro Arena entre 1956 e 1970, e ainda auxiliou diversos grupos na busca por um teatro libertário, como também em outros países onde passou, principalmente durante a repressão, Boal esteve sempre preocupado em criar novas formas de produção teatral. Em seu último livro, intitulado “Estética do Oprimido (2009)”, ele procura ampliar a abrangência das

técnicas de T.O., em um pensamento estético viável a ser utilizado em todas as formas de arte. Para ele, a poética de Aristóteles, e a poética da virtú hegeliana, são formas de elaboração artística prontas, acabadas, e fechadas em si mesmas, que não servem aos propósitos de artistas interessados em mudanças sociais. Portanto, a Estética do Oprimido, uma forma de se pensar a arte sempre em um movimento de transformação da realidade, é a forma ideal para membros de uma sociedade que desejam mudanças sociais positivas.

O objetivo principal deste trabalho é ressaltar a importância do T.O., não apenas como uma forma de protagonismo individual, em que o participante desenvolve uma análise crítica e consciente da realidade a qual está inserido, desenvolvendo assim uma melhor participação social na luta pelos seus direitos, mas também num movimento de reconhecimento de seus iguais (classe social, membros de uma mesma comunidade, operários de uma mesma fábrica, estudantes de uma mesma escola, etc.) que permite ao ser social, uma maior compreensão e tolerância entre semelhantes de um mesmo grupo.

O T.O. serve em seu princípio básico, para aprimoramento do exercício da cidadania, fazendo com que o participante se aproprie de sua história pessoal, tornando-se protagonista e agente de transformação. Na prática teatral, isso é estimulado quebrando as barreiras impostas, entre o protagonista da cena e demais personagens, e entre artistas e público, todos são espectadores (termo criado por Boal), e podem interferir nos acontecimentos dentro da cena. Porém, tornar-se protagonistas de sua história pessoal, não reduz o risco de tornar-se ao mesmo tempo um opressor, acreditando assim estar livre de sua condição de oprimido. Esse fenômeno pode ser observado em algumas apresentações de uma cena de teatro-fórum realizada pelo projeto TOCO ao longo de 2015, e 2016, onde alguns espectadores entravam em cena e tentavam resolve-la tomando uma postura de opressor.

É preciso muito cuidado no desenvolvimento da cena, para que a pessoa que assume a personagem oprimida não a transforme em opressor, e na escolha dos locais onde esta será apresentada, além do preparo dos artistas participantes na criação, e da consciência de unidade de grupo. Esta consciência é despertada e trabalhada através dos próprios exercícios de T.O., mas é importante também, o grupo possuir alguma ideologia em comum, que poderá ser recorrida sempre que a criação pender para alguma questão individual ou subjetiva que não for pertinente ao ideal dos participantes.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi baseado em estudos teóricos dos escritos de Augusto Boal, e em minha vivência prática, tanto como aluno bolsista do projeto TOCO, como artista-facilitador, na comunidade Colonia de Pescadores Z3 onde o projeto TOCO passou a atuar em abril de 2016, oferecendo oficinas de T.O. para jovens desta comunidade. O convite para esta atividade foi feito pelo Padre Eneias Carniel, que desenvolve um projeto popular, intitulado “Entrelaçando Sonhos”, que agrupa oficinas, cursos, e rodas de conversas, oferecidos para as comunidades diversas dos três balneários da cidade de Pelotas.

Nossa atividade junto a este projeto acontece sempre as sexta-feiras, na igreja católica da Colonia Z3, entre 17:30 e 19:30, e reune em torno de 15 crianças e jovens moradores desta comunidade.

A partir das oficinas práticas de T.O., onde trabalhamos jogos, exercícios e improvisações, tentamos identificar as principais opressões dos participantes,

onde surgiram temas como opressões de gênero, raciais e econômicas, entre outras. Porém o tema mais relevante citado nas oficinas é a questão do transporte público, que tem uma tarifa mais cara do que a tabelada pelo município.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando o grupo de jovens passou a problematizar sobre o assunto transporte público, surgiu um tema pertinente a todos os integrantes daquela comunidade. Daí então se percebeu que este problema não abrange apenas uma parte da sociedade, ao contrário, a maior parcela da população daquele bairro é atingido pelo problema, que acarreta outras complicações por eles delatadas, como por exemplo, a dificuldade de conseguir emprego. Constatou-se que muitas vezes os moradores deste bairro perdem oportunidades pelo fato de as empresas empregadoras serem obrigadas a pagar vale transporte para seus funcionários, preferindo assim, funcionários que morem em outros bairros, que tenham a tarifa normal.

Com o surgimento deste tema, o grupo passou a se tornar mais participativo nas discussões e problematizações, potencializando seu sentimento de solidariedade. As opressões até então discutidas, como discriminação de gênero e preconceito racial, apesar de serem temas muito presentes em nossa sociedade na atualidade, não trazia luz aos jovens, como membros participantes de uma comunidade específica. Porém, ao surgir um assunto que é de interesse comum à todos eles, passaram a se identificar como iguais, com uma causa em comum, e uma ótima problemática para ser ensaiada no T.O., buscando uma solução para a situação real.

A proposta de continuação das atividades na Colônia de Pescadores Z3, a ser discutida pelo grupo, é a criação de uma cena de teatro-forum onde será trabalhado o tema “transporte público”, através de relatos dos participantes, e de outros moradores.

4. CONCLUSÕES

A proposta de Boal, de democratização dos meios de produção da arte, e de um teatro popular, num sentido de libertação, onde o povo ensaia a sua revolução, apresentando os problemas da sociedade, e onde os espectadores tem participação ativa dentro do espetáculo, procurando soluções para o problema do protagonista, talvez seja uma das mais poderosas formas de desalienação. Mas como qualquer arte, exige disciplina, interesse, e alguma identificação pessoal.

Por isso, é primordial, para que haja uma identificação entre os participantes das atividades de T.O., que o facilitador encontre logo no inicio, um ponto em comum entre todos seus integrantes. Algo que crie uma identificação do grupo, em relação a algum problema social enfrentado por sua comunidade em geral.

Na experiência coletiva co-vivenciada pelo grupo, nas brincadeiras, nos jogos, nos exercícios de improvisação, apresentações, e até mesmo na reflexão destes, está contida a problemática que os participantes trazem de sua própria realidade. Logo, na busca da solução para a problemática, se descobrem sujeitos protagonistas, criadores e críticos de sua história pessoal, social e política. História ensaiada no teatro, para que se torne consciente desta, possibilitando assim a ação social concreta continuada, atuando como agente de transformação

da realidade objetiva. Por isto esta modalidade de ensino-aprendizagem quebra as barreiras entre educadores e educandos, já que os primeiros precisam aprender a realidade dos segundos, que através do teatro, aprimoram a forma de contar e de criar sua história, tecendo uma rede solidária onde aprendem, não uns com outros, mas todos juntos, caminhos possíveis para uma realidade mais digna e igualitária.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005. Edição revista.

_____. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
www.zh.com.br/especial/index.htm

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.